

ESTUDO DO *ESTILO* COMO *DESVIO* DE UMA NORMA
STUDY OF STYLE AS A STANDARD DEVIATION

Maria Aparecida BARBOSA

USP

mapbarbosa@uol.com.br

RESUMO . Este artigo trata do *desvio*, enquanto desvio do código e não da norma, um erro intencional que se configura como *estilo*. O desvio pode, pois, ser interpretado como erro ou como acerto. O efeito do erro enquanto estilo varia conforme o grau de probabilidade de ocorrência em determinado contexto – se for alto o grau, o efeito do estilo é mais leve; se elevado, o efeito é mais forte. O estilo pode estar em função do falante ou do universo do discurso. Em função do falante, por exemplo, cabe ao redator de cada veículo noticioso reproduzir as notícias, em consonância com cada veículo e cada órgão de informação. Em função do universo do discurso, por exemplo, a paráfrase, a paródia e estilização são graus de desvios diferentes do texto original. Em outras palavras, o sujeito de enunciação se projeta, em maior ou menor grau, sobre o fato enunciado e sua escolha, seleção e organização dos instrumentos oferecidos pelo sistema linguístico marcam o efeito de estilo.

PALAVRAS-CHAVE: Estilo. Norma. Enunciação.

ABSTRACT. This paper deals with the deviation while the deviation of the standard code and not an intentional error that is configured as style. The deviation can therefore be interpreted as errors or as correct. The effect of the error as style varies according to the degree of probability of occurrence in a particular context - if higher the degree, the effect of the style is lighter if high, the effect is stronger. The style may be due to the speaker or the universe of discourse. Depending on the speaker, for example, it is the news editor of each vehicle to reproduce the news, in line with every vehicle and every organ of information. Depending on the universe of discourse, for example, paraphrase , parody and stylization are different degrees of deviation from the original text . In other words, the subject of enunciation is projected to a greater or lesser extent, on the fact

and stated his choice, selection and organization of instruments offered by the linguistic system mark the style effect.

KEYWORDS: Style. Standard. Enuntiation.

O Discurso que rompe com os automatismos linguísticos (característicos da mensagem no grau zero) cria o fenômeno que os formalistas russos denominaram ostraniene estranhamento, singularização [...]. É por causa dessa escolha que o estilo se define como opção [...] como desvio de uma norma. (LOPES, E. 1976, p.69).

1. O desvio, embora sendo uma ruptura da norma não é uma ruptura do código, mas todo o contrário disso, ele está previsto nas regras de manipulação desse código, porque o código linguístico é um código aberto, dotado de produtividade: aliás, é da produtividade que decorrem os riscos das inovações positivas (acertos) e das inovações negativas (erros). Em definitivo, a língua é um código aberto e produtivo que se distingue pelo fato de, ao mesmo tempo, prever a norma e a possibilidade de infração à norma; se isso não acontecesse, se a língua não contivesse senão injunções positivas (ordens) e injunções negativas (proibições), a parole seria um puro automatismo e não haveria como falar-se em sentido já que o sentido é produzido por um jogo de variáveis, uma descontinuidade e um risco a correr. (LOPES, 1976, p.70).

O desvio é precisamente a definição que Charles Bruneau, retornando Valéry, dava do estilo — “é um desvio em relação a uma norma, e, portanto um erro, mas, acrescentava Bruneau, um “erro intencional” . O mesmo autor lembra que o próprio Bally definia o estilo como desvio da fala individual e Leo Spitzer como desvio individual em relação a uma norma”. (GENOUVIER, E. et PEYTARD J. 1974, p. 397). A abordagem do estilo como desvio de uma norma levanta a questão da relatividade da noção de norma. O pesquisador é quem determina o que vai considerar norma. Assim, Jean Cohen, depois de precisar que seu objeto é confrontar o poema com a prosa, acrescenta: “Como a prosa é a língua corrente, pode-se tomá-la por norma e considerar o poema como um desvio em relação a ela”. É na estatística que se baseia Jean Cohen em seu estudo da estrutura da linguagem poética: ele determinou a norma a partir da linguagem em prosa representada pela linguagem científica; constituiu, por sorteio aleatório, amostras da língua de Berthelot, Claude Bernard e Pasteur, às quais comparou amostras da língua de Lamartine, Hugo e Vigny. (GENOUVRIER, id. Ibid., p. 402)

Cumpra também aprofundar a questão de “erro intencional,” verificando a constituição conceitual de erro. Um cuidado se impõe na fácil e perigosa tentativa de identificar a ruptura do grau zero (ou o desvio) com os acertos de poeticidade. Um discurso pode:

- a) Coincidir com a norma (estar em grau zero);
- b) Romper com a norma (desvio).

Em (a), o discurso se prende aos automatismos e, por isso, deveria, teoricamente, informar pouco. Em (b), o discurso se propõe a uma nova interpretação (ele informa demasiado).

Mas esse desvio não tem um valor absoluto (todo valor é relativo, relacional), não caracteriza, por si só a poeticidade. Duas coisas acontecem como desvio:

- (1) ele pode ser interpretado como erro;
- (2) ele pode ser interpretado como acerto.

Temos em (1) um desvio disfórico, não poético; temos em (2) um desvio eufórico, poético, (mas o que é eufórico num momento da História é sentido como disfórico em outro e nisso se baseia o mecanismo da sucessão de estilos artísticos). (LOPES, 1976, p.70).

2. Convém assinalar as analogias que foram estabelecidas entre as questões do estilo e os da teoria da informação. (MARTINET, *apud* GENOUVRIER, id. Ibid.1976 p. 403.)

Um efeito de estilo é detectável pela surpresa que provoca no ouvinte/leitor. Aparentemente, tudo se passa como se uma expectativa não fosse satisfeita. Conforme a norma, imagem de nossos hábitos, fazemos antecipações no enunciado que ouvimos ou lemos. Supondo que ouçamos <<*quem tem boca vai a...*>>, nesse ponto do enunciado esperamos <<...*Roma*>>. De facto, é muitíssimo provável que assim termine o enunciado. Em compensação, se Roma fosse substituído por *o dentista*, o efeito de surpresa seria considerável, pois havia muito poucas oportunidades, e talvez nenhuma, para que o enunciado terminasse dessa maneira. Pode-se portanto atribuir o efeito de estilo ao <<grau de probabilidade das unidades linguísticas num contexto dado.>> (MARTINET); quanto mais elevado é o grau de probabilidade, mais leve o efeito de estilo; quanto menos elevado o grau de probabilidade, mais vivo o efeito. Como a

informação de uma unidade é inversamente proporcional a sua probabilidade, o estilo se define como a busca sistemática da <<densidade informacional>>: são as palavras raras, isto é, as mais inesperadas, e portanto aquelas que se afastam mais amplamente da norma, as que conduzem a maior informação. Uma vez mais, vê-se como o estilo pode dizer respeito à ciência matemática.

Observe-se que a relação do valor informativo (em sentido técnico) com o valor estético é o tema de uma série de obras de Umberto Eco: *Obra aberta*, *Apocalípticos e integrados* e *a Estrutura Ausente*, todas editadas em português pela ed. Perspectiva, de São Paulo.

3. Neste ponto de nossas observações, abordaremos as seguintes questões:

- a) os estilos de cada um dos falantes de uma língua;
- b) os estilos determinados pelos diferentes universos de discurso.

Em (a), temos as seguintes considerações a fazer, citando Maria Margarida de Andrade (2007, p.116-117): “Na área profissional, exemplificando-se com o jornalismo escrito ou falado, observa-se que as notícias são, de modo geral, transmitidas pelas agências ou fontes noticiosas, para os jornais, que mantêm pontos de vista, convicções políticas ou ideológicas diversas. Cabe ao redator de cada veículo noticioso reproduzir as notícias, em consonância com cada veículo e cada órgão de informação. Esta afirmação pode ser facilmente comprovada, comparando-se as mesmas notícias divulgadas por dois jornais diferentes ou dois noticiários televisivos de orientações diferentes. Chega-se a comentar, ironicamente, que em jornalismo, “não há fatos, mas versões dos fatos”. Citamos, ainda, a mesma autora, no magnífico exemplo que nos oferece das concepções diversas, de um mesmo evento, transformado em texto linguístico pelos mais variados falantes:

“Para ilustrar a possibilidade de expressar um mesmo fato de maneiras diferentes, vem a propósito o texto de Paulo Mendes Campos, no qual uma notícia é veiculada de diferentes pontos de vista, empregando-se vários estilos:

Narra-se aqui, em diversas modalidades de estilo, um fato comum da vida carioca, a saber: o corpo de um homem de quarenta anos presumíveis é encontrado de madrugada pelo vigia de uma construção, à margem da lagoa Rodrigo de Freitas, não existindo sinais de morte violenta.

Estilo interjetivo

Um cadáver! Encontrado em plena madrugada! Em pleno bairro de Ipanema!
Um homem desconhecido! Coitado! Menos de quarenta anos! Um que
morreu quando a cidade acordava! Que pena!

Estilo Colorido

Na hora cor-de-rosa da aurora, à margem da cinzenta Lagoa Rodrigo de Freitas, um vigia de cor preta, encontrou o cadáver de um homem branco, cabelos louros, olhos azuis, trajando calça amarela, casaco pardo, sapatos marrom, gravata branca com bolinhas azuis. Para este o destino foi negro.

Estilo antimunicipalista

Quando mais um dia de sofrimento e desmando nasceu para esta cidade tão mal governada, nas margens imundas, esburacadas e fétidas da Lagoa Rodrigo de Freitas, e em cujos arredores falta água há vários meses, sem falar nas frequentes mortandades de peixes já famosas, o vigia de uma construção (já permitiram, por debaixo do pano, a ignominiosa elevação de gabarito de Ipanema) encontrou o cadáver de um desgraçado morador desta cidade sem policiamento. Como não podia deixar de ser, o corpo ficou ali entregue às moscas que pululam naquele perigoso foco de epidemias. Até quando?

Estilo reacionário

Os moradores da Lagoa Rodrigo de Freitas tiveram na manhã de hoje o profundo desagrado de deparar com o cadáver de um vagabundo que foi logo escolher para morrer (de bêbado) um dos bairros mais elegantes desta cidade, como já não bastasse para enfeiar aquele local um sórdida favela que nos envergonha aos olhos dos americanos que nos visitam ou que nos dão a honra de residir no Rio.

Estilo então

Então o vigia, de uma construção em Ipanema, não tendo sono, saiu para passeio de madrugada. Encontrou então o cadáver de um homem. Resolveu então procurar um guarda. Então o guarda veio e tomou as providências necessárias. Ai então eu resolvi te contar isso.

Estilo preciosista

No crepúsculo matutino de hoje, quando fulgia solitária e longínqua a Estrela-d'Alva, o atalaia de uma construção civil, que perambulava insone pela orla sinuosa e murmurante de uma lagoa serena, deparou com a atra e lúrida visão de um ignoto e gélido ser humano, já eternamente sem o hausto que vivifica.

Estilo Néelson Rodrigues

Usava gravata de bolinhas e morreu!

Estilo sem jeito

Eu queria ter o dom da palavra, o gênio de um Rui ou o estro de um Castro Alves, para descrever o que se passou na manhã de hoje. Mas não sei escrever, porque nem todas as pessoas que têm sentimentos são capazes de expressar esse sentimento. Mas eu gostaria de deixar ainda que sem brilho literário. Tudo aquilo que senti. Não sei se cabe aqui a palavra sensibilidade. Talvez não caiba. Talvez seja uma tragédia. Não sei escrever mas o leitor

poderá perfeitamente imaginar o que foi isso. Triste, muito triste. Ah, se eu soubesse escrever. (CAMPOS, 1979).

Em (b), o discurso está em função (relação de dependência) do Universo de Discurso em que está inserido. Assim, há dupla modalização do texto: a individual e a condicionada pelo tipo de discurso. Pode-se, portanto, falar em discurso metaestilizado, seja no caso da paráfrase, da paródia, e o da estilização, cada qual com graus de desvios diferentes do texto original: na paráfrase, o desvio é mínimo, na paródia, o desvio é total e, na estilização, “o desvio aumenta em relação à paráfrase, mas persiste no domínio do desvio tolerável”. (ANDRADE, M.M, id. ibid, 2007 p.121)

Mostramos, a seguir, a paródia que a autora apresenta, sobre um texto bíblico que Carlos Heitor Cony transforma em crônica:

Texto bíblico:

“Passagem do Mar Vermelho

(15) E o senhor disse a Moisés: por que clama tu a mim? Dize aos filhos de Israel que marchem. (16) E tu levantarás a tua vara, e estenderás a tua mão sobre o mar, e o dividirás, para que os filhos de Israel caminhem em seco pelo meio do mar. (21) Tendo Moisés, pois, estendido a sua mão sobre o mar, o Senhor lhe dividiu as águas, fazendo que toda a noite assoprasse, um vento veementemente, abrasador, que lhe secou o fundo. Estando a água assim dividida (22) entraram os filhos de Israel pelo meio do mar seco, tendo pela direita e esquerda a água que lhes servia como de muro.”

“(19) porque Faraó entrou a cavalo no mar com suas carroças, e cavalaria: e o senhor fez que tornassem sobre eles as águas do mar. Os filhos de Israel, porém, caminharam a pé enxuto pelo meio dele.” (ÊXODO, 14, 15-16; 21-22 e 15,19)

Paródia do texto bíblico:

Marketing

Haífa – Antes de atravessar o mar Vermelho, livrando seu povo do cativeiro do Egito, Moisés decidiu ouvir os marqueteiros de seu tempo, gente entendida na política neoliberal de resultados. Juntou os melhores profissionais da classe, que já naquele tempo achavam que política é promoção. Disse que precisava atravessar o mar Vermelho e iria, à frente de seu povo, construir uma enorme ponte que ligasse as duas margens.

Os entendidos fizeram cara feia. Nada de ponte, não haveria a criatividade que FHC, 2.600 anos depois, anda pedindo a seus ministros. Moisés concordou. Além de rotineira, a ideia da ponte era cara e demorada. Mas tinha uma alternativa; construir barcos que levariam o seu povo à terra prometida.

Mais uma vez o pessoal do marketing torceu a cara. Barcos era pior do que ponte, coisa velha. Além de não ser uma ideia criativa, era solução pouco moderna, desde os fenícios que os barcos eram veículos superados.

Moisés ia perdendo a paciência e perdeu mesmo. Deu um murro na mesa e perguntou: “Afinal, o que vocês querem que eu faça? Que eu mande as águas

se separarem, formarem muralhas líquidas e fazer meu povo atravessar a pé enxuto o mar Vermelho?”

O pessoal delirou. O mais categorizado dos marqueteiros, considerado o gênio da classe, exultou: “Isso, Moisés! Isso, sim, é uma solução criativa! Vai ser um estouro! Se você faz o seu pessoal atravessar a pé o mar Vermelho, eu lhe garanto duas páginas na Bíblia!”

Não foi aqui, nesta bela baía que abriga um dos portos mais ativos do Mediterrâneo, que ouvi essa história. Na verdade, ouvi-a em Acro, uma velha cidade fundada pelos cruzados que vieram libertar o Santo Sepulcro dos infiéis.

É uma cidade sem marketing. Árabes e judeus parece que a escondem, lá sei por que.

Olhada com atenção, tem ângulos da Perugia medieval, vielas empedradas, formando labirintos absurdos, aqui e ali iluminados por uma praça ampla, onde penetra a luz de um mar impecavelmente azul.” (CONY, *Folha de S. Paulo*, 10-11-96, cad. 1, p.2)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em qualquer dos níveis do percurso gerativo da enunciação de codificação, todo discurso sofre modalizações, mais ou menos profundas, por parte do sujeito onomasiológico. O “fazer persuasivo”, modalidade subjacente ao seu discurso, é um mecanismo que ele utiliza, conscientemente ou não, poeticamente ou não, ao elaborar o seu texto. Considerando que nenhum discurso é neutro, considerando, ainda, que toda mensagem é ideologicamente marcada, chega-se à conclusão de que cada ato de fala pode e deve ser analisado como único e exclusivo, observadas as substâncias comuns e as especificidades de cada um deles.

No dizer de COSERIU (1975, p.75), em sua atividade linguística, o indivíduo conhece ou não a norma e tem maior ou menor consciência do sistema. Ao não conhecer a norma, orienta-se pelo sistema, podendo estar ou não de acordo com a norma (criação analógica); conhecendo-a, pode repeti-la dentro de limites mais ou menos modestos de expressividade ou rechaçá-la deliberadamente e ultrapassá-la, aproveitando as possibilidades que o sistema põe à sua disposição. Os grandes criadores de língua – como Dante, Quevedo, Cervantes, Gôngora, Shakespeare, Pushkin – rompem conscientemente a norma (que é algo como o “gosto da época” na arte) e, sobretudo, utilizam e realizam no grau mais alto as possibilidades do sistema: não é um paradoxo, nem uma frase feita, dizer que um grande poeta “utilizou todas as possibilidades que a língua lhe oferecia”. Neste sentido, podemos repetir com Humboldt e Croce que, na realidade, não aprendemos uma língua, mas, sim, aprendemos a criar numa língua, isto é, aprendemos as normas que guiam a criação numa língua, aprendemos a conhecer as

diretivas, as flechas indicadoras do sistema e os elementos que o sistema nos proporciona como moldes para nossa expressão inédita.

POTTIER (1987, p.25) sistematiza esta questão da seguinte forma:

M=[F(Did. R Did.)], ou seja, qualquer mensagem é igual à Formulação de uma Relação entre Designações Identificadas.

Em outras palavras, o sujeito de enunciação se projeta, em maior ou menor grau, sobre o fato enunciado, sendo que o sistema linguístico lhe oferece instrumentos vocabulares, sintáticos e semânticos para efetuar essa operação.

A escolha, a seleção e a organização desses elementos marcam o efeito de estilo, permitindo uma classificação dos discursos em: pertencentes a uma norma (1), desviatórios de uma norma, com baixa densidade de efeito estilístico (2) ou, então, desviatórios de uma norma, com alta densidade estilística. (3)

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Maria Margarida. A Paráfrase no Discurso Científico. In: DIAS, M.P.L. (Org.) **Língua e Literatura: Discurso Pedagógico**. São Paulo: *Ensino Profissional*, 2007.
- BALLY, Charles. **Traité de stylistique française**. Genève/Paris: Georg. E Klincksieck, 1951.
- BRUNO, Pierre. **La pensée et la langue**. Paris: Massonnet Cie Editeurs, 1965.
- COHEN, Jean. **Structure du langage poétique**. 1975. Paris: Flammarion, 1966.
- COSERIU, Eugenio. **Teoria da Linguagem e Linguística Geral**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1975.
- ECO, Umberto. **Conceito de texto**. São Paulo: Edusp, 1984.
- GENOUVRIER, Emile et PEYTARD, Jean. **Linguística e Ensino do Português**. Coimbra: Almedina, 1974.
- LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1976.
- MARTINET, André. **Elementos de linguística geral**. Lisboa: Sá da Costa, 1970.
- MAROUZEAU, Jean. **Précis de stylistique française**. Paris: Masson, 1959.
- PAIS, Cidmar Teodoro. Conditions sémiotiques et semântico – syntaxiques de la productivité lexicale et discursive. In: **Hommage à Bernard Pottier**. Paris: Klincksieck, 1988.
- POTTIER, Bernard. **Théorie et analyse en Linguistique**. Paris: Hachette, 1987.